BASTOS, Rafael José de Menezes. 2013. *A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*. Florianópolis: Editora da UFSC. 525 pp.

Janaína Ferreira Fernandes
PPGAS/UnB

Fruto da tese de doutorado de Rafael José de Menezes Bastos, *A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa* é um trabalho monumental, tanto no que se refere ao esforço empreendido no trabalho de campo quanto em relação à minúcia com que o material produzido é analisado, de modo que o resultado é um texto por vezes detalhado, por vezes surpreendente, principalmente em razão da linguagem narrativa com que o autor conduz o leitor. Dispondo-se a analisar a festa do Yawari (jaguatirica), realizada entre os índios Kamaiurá e cujos convidados à época em que o autor acompanhou os festejos eram os Matipu, Bastos fez sua pesquisa de campo em 1981, entre abril e junho, período no qual efetuou gravações fonográficas das músicas entoadas em diferentes momentos ritualísticos.

É importante observar que o objetivo de Bastos não é o de meramente analisar as músicas como unidades estanques. Antes, ele tem como meta central a compreensão de sequências longas de peças, abarcando o complexo Yawari e observando o conjunto musical em sua totalidade. A grandiosidade de seu trabalho etnográfico encontra aí dois pontos de destaque. O primeiro refere-se à própria gravação das músicas durante longos períodos em uma época em que os recursos tecnológicos para tal não eram nem acessíveis, devido ao seu alto custo, nem práticos — geralmente grandes, pesados e sensíveis a viagens longas em condições por vezes adversas. O segundo refere-se ao empreendimento posterior de transcrever as músicas para partituras, sendo boa parte do livro dedicada a tal tarefa. Trata-se, obviamente, de um trabalho longo, que demanda um conhecimento alheio ao antropológico — o musical — e que, para o deleite do leitor, é manipulado com destreza por Bastos.

Músico e antropólogo, o autor nos dá, por um lado, a felicidade de dados etnográficos precisos em termos musicais e, por outro, uma série de ponderações, já no primeiro capítulo, a respeito da etnomusicologia como área de conhecimento ainda em vias de formação e autorreflexão. Visualizando seu trabalho como uma forma de união entre arte e ciência, Bastos pretende romper o que chama de *dilema etnomusicológico*, ou seja, a barreira entre o estudo dos sons

— mais próximo da musicologia — e o dos comportamentos — uma preocupação da antropologia. Seu objetivo é aproximar as duas disciplinas, que partem de considerações epistemológicas distintas e que, por consequência, possuem interesses e pontos de análise inibidores da compreensão da música como arte e som e, ao mesmo tempo, como linguagem social. A atenção restrita ao som dada pela musicologia, sem análises semânticas, é, para ele, um grande obstáculo ao desenvolvimento da etnomusicologia como disciplina.

A esse respeito, aliás, pode-se dizer que a sua colaboração teórica e etnográfica está alicerçada, em grande medida, em sua proposição metodológica. Após toda a discussão acerca dos limites, dos objetivos e das contradições da produção do conhecimento etnomusicológico, Bastos institui sua profissão de fé, qual seja, a negação da percepção da música como um componente a ser analisado em termos puramente contextuais, no que acabaria enfocando o particular, ou a música como um exemplo museológico do social, apartado de inteligibilidade e imerso na sensoriabilidade. Em outras palavras, a análise do fenômeno música não deve estar restrita ao som como um aspecto puramente formal, capaz de atingir apenas as esferas sensoriais da percepção humana e ligando-se ao campo da arte, em contraposição à ciência; pelo contrário, deve-se partir principalmente da noção de que, como componentes formais, os sons são, também, sociais, podendo por isso ser contemplados semanticamente. Isso significa, em última instância, que Bastos advoga pela inteligibilidade, em contraposição à sensorialidade a que a música vem sendo relegada nos estudos antropológicos. Além disso, procura na música uma forma de compreensão da inteligibilidade da totalidade sociocultural. Nesses termos, a leitura do primeiro capítulo de Bastos gera, após uma inserção bastante instrutiva no tema — principalmente para aqueles que não têm contato com a literatura etnomusicológica —, uma curiosidade a respeito dos métodos a partir dos quais será possível romper com o já citado *dilema etnomusicológico*, sentimento esse que irá se transformando, a cada página vencida, em surpresa e deleite etnográfico.

No segundo capítulo, o autor dedica várias páginas à descrição do Yawari, especificando as atividades realizadas dia a dia. Concentra-se no desenrolar do próprio ritual, por meio de gestos, falas, movimentos, horários, comentários dos participantes, relações de amizade e hostilidade e, especialmente, das músicas entoadas. É nesse momento também que Bastos nos presenteia com a minuciosidade da transcrição, em partituras, de todas as músicas gravadas por ele durante o trabalho de campo.

Abstendo-se de quaisquer comentários analíticos no capítulo precedente, é na terceira parte da obra que Bastos nos mostra, na prática, sua proposição

metodológica, analisando detidamente os dados trazidos. Com a ideia de abarcar a totalidade do Yawari, as músicas do ritual são catalogadas em termos de sequências que se repetem ou são acrescidas de outras peças em determinados momentos. A categorização realizada pelo autor divide as sequências musicais em marcas temporais diárias (sequências que devem ocorrer em determinado momento do dia) a partir das quais o leitor é levado a perceber uma transmutação da percepção do tempo cronológico do Yawari. Isso significou, para a obra de Bastos, um ponto de partida para a concepção de uma análise etnomusicológica realmente totalizante, na medida em que o intercâmbio de sequências musicais em distintos momentos do dia faz crer que o ritual institui uma temporalidade alheia à dos "outros" — uma temporalidade Yawari, vivida pelos Kamaiurá e pelos Matipu, seus convidados, de modo que, durante o ritual, a vivência temporal chega até os tempos míticos.

Nesse ponto, a análise do autor encontra guarida em uma abordagem mítica, a fim de que seja possível compreender de que forma a aceleração temporal faz sentido para o sistema de produção e reprodução sociais dos Kamaiurá. A aceleração do tempo externo pelo interno (do Yawari) é tratada por Bastos como uma narração dramático-teatral, por isso a repetição e a diferenciação dos cânticos são os modos pelos quais se produz o tempo Yawari. A narração do mito é o componente explicativo do próprio Yawari como elemento de constituição dos Kamaiurá, os quais, com base na apreensão do ritual entre povos distantes e em sua disseminação pelos xinguanos, veem a reprodução mítica como um processo de aprendizado. É dessa forma que Bastos, após propor um enfoque etnomusicológico totalizante e inteligível, constrói, ao longo de todos os seus comentários, uma análise capaz de dar conta dos sons como elementos ou partículas de um complexo social — que, assim, tornam-se mais do que elementos contextuais, ou exemplos musicais de estruturas sociais. Antes, pode-se dizer que eles constroem estruturas, na medida em que são coisas semanticamente ativas.

No último capítulo da obra, Bastos faz ponderações a respeito da sua escolha metodológica, concentrando-se nos modos pelos quais tal opção reflete uma forma de ser da etnomusicologia como uma antropologia que leva o som a sério. Assim, a percepção do processo histórico-estrutural Kamaiurá, por meio de uma análise ritualística totalmente voltada para o elemento musical, acaba por ser, nas mãos de Bastos, um exercício etnomusicológico de grande valia para a construção de uma área de estudo que privilegia a música, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, como algo estrutural e semanticamente pertencente a um nível social.

A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa é, em síntese, uma obra que vem a acrescentar aos estudos etnomusicológicos, como também à etnologia indígena, principalmente em sua vertente estruturalista, uma série de considerações — principalmente as de cunho epistemológico, quando levamos em conta as formas pelas quais elementos como sons têm sido pensados pela antropologia ao longo dos últimos anos. E, assim, pode-se refletir a respeito dos modos de produção do conhecimento etnográfico, abrindo-se um leque cada vez mais amplo de possibilidades investigativas e de análise de dados.